

ASSINCRONIA ENTRE O LEITOR CONTEMPORÂNEO E O RUMINAR REFLEXIVO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE DISPOSITIVOS DIGITAIS MÓVEIS

Leonardo M. Marques Kussler[i]
Leonardo G. Van Leeuwen[ii]

RESUMO

Uma das principais formas de expressão de pensamentos e de sentimentos humanos se realiza por meio da interação escrita-leitura. O ato de ler [in]forma seres humanos e institui um modo de pensar e agir no mundo. Na contemporaneidade, a leitura mediada por dispositivos móveis e pelas redes sociais digitais tem se mostrado insuficiente em educar e levar informações confiáveis à sociedade. O objetivo do presente artigo é analisar este impacto e propor a leitura reflexiva como forma de contornar tal carência por meio de pesquisa e revisão bibliográfica. Assim, na primeira seção, abordamos alguns aspectos da linguagem expressa em textos e de como a revolução da internet, especialmente na última década, mudou drasticamente o modo como os leitores acessam informações e entendem o mundo, tornando-os mais acríticos e superficiais, como mostram os estudos de Castells e Cardoso (2005) e Santaella (2007, 2013). Na segunda seção, analisamos como a leitura ubíqua constrói um mundo de informações não confiáveis e admissão de difusão de informações falsas no cotidiano das pessoas, enquanto uma retomada da leitura reflexiva, própria das ciências humanas, poderia auxiliar a sanar tal dificuldade, enfatizando o lento ruminar necessário à conferência e à compreensão dos dados, conforme as reflexões de Gadamer (1999), Maffesoli (1995) e Jasanoff (2019).

Palavras-chave: Leitura Ubíqua; Leitura Contemplativa; Ruminar Reflexivo; Educação Contemporânea; Dispositivos Móveis.

ASYNCHRONY BETWEEN THE CONTEMPORARY READER AND THE REFLECTIVE RUMINATION: THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN TIMES OF MOBILE DIGITAL DEVICES

ABSTRACT

One of the main ways of expressing human thoughts and feelings is through the writing-reading interaction. The act of reading [in]forms human beings and institutes a way of thinking and acting in the world. Nowadays, reading mediated by mobile devices and digital social networks has proved not to be sufficient, in terms of educating and bringing reliable information to society. This article aims to analyze this impact and propose reflective reading as a way to overcome this lack through research and bibliographic review. Thus, in the first section, we covered some aspects of language expressed in texts and how the internet revolution in the last decade has dramatically changed the way readers access information and understand the world, making them more uncritical and superficial, as shown in the studies by Castells and Cardoso (2005) Santaella (2007, 2013). In the second section, we analyse how ubiquitous reading builds a world of unreliable information and the admission of diffusion of false information in people's daily lives, while a resumption of reflective reading, typical of the human sciences, could help to remedy this difficulty, emphasizing the slow rumination necessary for the conference and the understanding of the data, according to the reflections of Gadamer (1999), Maffesoli (1995), and Jasanoff (2019).

Keywords: Ubiquitous Reading; Contemplative Reading; Reflexive Rumination; Contemporary Education; Mobile Devices.



ASINCRONÍA ENTRE EL LECTOR CONTEMPORÁNEO Y EL RUMIANTE REFLEXIVO: EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE EN TIEMPOS DE LOS DISPOSITIVOS DIGITALES MÓVILES

RESUMEN

Una de las principales formas de expresar los pensamientos y sentimientos humanos es a través de la interacción de escrita-lectura. El acto de leer [in]forma seres humanos e instituye un modo de pensar y actuar en el mundo. En la contemporaneidad, la lectura mediada por dispositivos móviles y redes sociales digitales temáticas han sido insuficientes para educar y llevar información confiable a la sociedad. El objetivo del presente artículo es analizar este impacto y proponer una lectura reflexiva como una manera de superar esta falta a través de la investigación y la revisión bibliográfica. Por lo tanto, en la primera sección, mostramos algunos aspectos del lenguaje expresado en textos y cómo la revolución de Internet, especialmente en la última década, ha cambiado drásticamente la manera como los lectores acceden a la información y entienden el mundo, haciéndolos más acrílicos y superficiales, como muestran los estudios de Castells y Cardoso (2005) y Santaella (2007, 2013). En la segunda sección, analizamos cómo la lectura ubicua construye un mundo de información poco confiable y la admisión de difusión de información falsa en la vida cotidiana de las personas, mientras que la práctica de la lectura reflexiva, típica de las ciencias humanas, podría ayudar a arreglar esta dificultad, enfatizando el despacio rumiar necesario para el cotejo y la comprensión de los datos, de acuerdo con las reflexiones de Gadamer (1999), Maffesoli (1995) y Jasanoff (2019).

Palabras clave: Lectura Ubicua; Lectura contemplativa; Rumiar Reflexivo; Educación Contemporánea; Dispositivos Móviles.

INTRODUÇÃO

A linguagem, parte fundamental do ser humano, modifica-se ao longo do tempo. Na contemporaneidade, a linguagem socialmente implementada é mediada pela tecnologia, especialmente após o advento da internet. A partir desse novo meio de se comunicar, que revolucionou tanto quanto a geração gutenberguiana à sua época, a própria sociedade começa a se reorganizar por meio de grupos de afinidades, que caracteriza nosso momento existencial como *sociedade em redes*.

Nesse tempo de mudanças constantes, de informações difundidas em massa e centros de big data, propomos, no presente artigo, uma discussão acerca do leitor contemporâneo e os desdobramentos deste no mundo atual. O objetivo principal é expor alguns aspectos do leitor ubíquo contemporâneo, que se [in]forma imerso nos dispositivos móveis e nas redes sociais digitais, o que tem impactos severos na educação, e uma possibilidade de repensar elementos da leitura reflexiva, por meio da Filosofia e da Sociologia, que poderia fornecer mais robustez e complementar à formação dos sujeitos atuais por meio de pesquisa e revisão bibliográfica.

Na primeira seção, caracterizamos alguns aspectos da linguagem e sua forma de expressão por meio de textos. Discorreremos sobre alguns elementos próprios da revolução informacional, conforme Lévy (2009), em especial acerca do advento da internet e seu desdobramento nos dispositivos móveis, que mudaram o modo de a sociedade se comunicar e se desenvolver enquanto grupo de indivíduos individualistas e comunalistas, conforme Maffesoli (1995), capazes de ler o mundo de forma cada vez mais rápida e superficial, conforme Castells e Cardoso (2005).

A seguir, abordaremos também os tipos de leitores frutos de seus tempos e suas tecnologias históricas, mostrando que os agentes da leitura têm diferentes tipos de relação com as informações, com o mundo e seus conceitos, de acordo com a proposta de Santaella (2007, 2013). Junto a isso, abordaremos o leitor ubíquo, que se apresenta especialmente na última década e se caracteriza por ser propositor de uma forma de leitura fragmentada, semialeatória, com inúmeros focos fugidios e grande dispersão, com um impacto na educação, que será discutido.

A partir dessa caracterização, na segunda seção, trataremos da relação do leitor ubíquo com o que entendemos como leitura reflexiva, própria das ciências humanas, das quais destacamos a Sociologia e a Filosofia. O objetivo principal será dissertar sobre a relação da leitura fugidia e um tanto desatenta com o modo como os indivíduos constroem seus mundos de informação e a admissão e disseminação de informações falsas como parte do cotidiano informacional, a partir das contribuições de Latour (2013). A hipótese a ser defendida é de que uma maior implementação da leitura reflexiva, contemplativa, pode auxiliar a corrigir a desarmonia e não correspondência de discursos, fatos e interpretações, pois daria mais tempo e conferiria mais elementos para ler o mundo de forma mais crítica e serena, especialmente a partir das contribuições de Gadamer (1999) e Jasanoff (2019).

LINGUAGEM E TIPOS DE LEITURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A linguagem faz parte e caracteriza o ser humano enquanto tal. Como seres humanos existem no tempo, naturalmente a linguagem vai se modificando constantemente e se configurando de diferentes maneiras ao longo da história. A forma pela qual a linguagem é expressa é múltipla, seja via oral, desenhos, escritas, gestos, e as mensagens e conceitos por ela transferidos formam as subjetividades e a estrutura do próprio ser humano. É por meio da linguagem que os pensamentos se expressam, que as comunidades se formam em torno de ideias afins e a sociedade se desenvolve como um todo.

No tempo que agora nos compete, podemos afirmar que vivemos um momento de cibercultura e ciberespaço, como diz Lévy (2009), em que a virtualidade permeia nossas vidas com cada vez mais naturalidade e cria certa dependência tecnológica. De certa forma, os indivíduos modernos se tornaram “escravos da tecnologia”, em um momento em que toda forma de vida de uma mesma espécie é mediada por algoritmos, que auxiliam em diversas tarefas, mas também nos vigiam e nos disciplinam de uma maneira avassaladora (PIERRO, 2013; FOUCAULT, 2008). Em meio a isso, podemos abordar sobre uma sociedade em redes, como defendem Latour (2012) e Castells e Cardoso (2005), que sofre mudanças radicais por meio da utilização da ciência e da tecnologia. Por se tratar de mudanças tão intensas, principalmente se considerarmos a última década, Latour (2012) compreende que devemos olhar, para dar conta de analisar, a forma como acontecem essas associações e dissociações entre humanos e não humanos. Observaríamos, então, uma grande rede de associações.

Uma das últimas revoluções tecnológicas mais sensíveis no mundo contemporâneo certamente foi o advento da internet. Posteriormente, podemos afirmar que sua ampla difusão no mundo e sua ramificação para além dos computadores, migrando aos smartphones, com seus inúmeros aplicativos, é um fenômeno que se desdobra e provoca inúmeras alterações no meio social. No que concerne à relação de linguagem e leitura dessa época, especialmente nos últimos dez anos, os dispositivos digitais móveis (incluindo, aqui, tablets, smartphones, leitores digitais e afins) se tornaram o principal canal de acesso a informações e conexão com o mundo, sobretudo para a chamada geração alfa, que já nasce imersa no mundo tecnológico em que tudo se alcança com toques em telas (FURTADO, 2019). Aqui, gostaríamos de nos demorarmos um pouco na abordagem de alguns aspectos peculiares próprios da instituição de um novo modo de linguagem e, conseqüentemente, de leitura.

De acordo com Santaella (2007, 2013), podemos classificar os leitores em quatro grandes categorias, a saber: 1) o leitor contemplativo, que é aquele que medita sobre os conteúdos estáticos, próprio do período pré-industrial, usuário do livro impresso, presente até meados do séc. XIX; 2) o leitor movente, pertencente ao período industrial e centros urbanos, do mundo e dos conteúdos em movimento, imerso nos jornais, nas fotografias e no cinema; 3) o leitor imersivo, que surge nas redes de computadores, com um modo de leitura que exige uma metodologia diversa de seus predecessores, pois não necessariamente vira páginas nem lida com volumes físicos, navegando em telas e programas de leitura, costurando entre músicas, vídeos e nós semânticos fragmentários ordenados por associação; 4) o leitor ubíquo, que surge com as redes sociais, especialmente Facebook e Twitter, que transmitem gostos e afetos de usuários,

que, por sua vez, são compartilhados freneticamente pelos dispositivos móveis, que lhe confere mobilidade de informação e física, visto que lê de forma parcialmente atenta enquanto circula por diferentes ambientes.

É sobre esse último tipo de leitor, o ubíquo, que nos debruçamos, em especial na próxima seção, para abordar sua particularidade e implicação real no que tange aos modos de leitura reflexivos, propostos especialmente a partir da Sociologia e da Filosofia. Pensemos a partir do impacto do ponto de vista educacional, uma vez que nosso objetivo é relacionar este último tipo de leitura em seus desdobramentos na esfera da formação de indivíduos contemporâneos. Podemos começar pelo aspecto da atenção do leitor ubíquo, que é contínua e parcial, pois tem inúmeros estímulos e pausas a todo momento, dificilmente se demorando de forma reflexiva em algum deles.

Voltando ao tema da linguagem, conseguimos perceber que até mesmo o modo de se comunicar e se fazer entender é mediado pelo sistema multimídia e de dispositivos móveis, em que pequenos tweets, desprovidos de possibilidade estrutural de maior quantidade de caracteres, constituem o modo de pensar e compreender o mundo em poucas linhas, sem muita profundidade, e, pior, sem o ruminar reflexivo que diversos temas exigiriam. Onde se encontra o momento existencial em que se pode usar da capacidade mental reflexiva, que exige se demorar em determinada leitura, ir e voltar em diversos parágrafos, tecendo a compreensão e instaurando sentidos de forma solitária e meditativa?

Hoje, o ambiente educacional é permeado por dispositivos móveis, seja na forma de *notebooks*, *tablets* e/ou *smartphones*, e isso certamente é um aspecto positivo. Imaginemos a quantidade de buscadores que facilitam a vida de qualquer um que se proponha a pesquisar determinado tema ou daquele professor que deseja utilizar exemplos do cotidiano midiático em suas aulas e pode lançar mão de recursos que presentificam e efetivam isso em uma aula. Também poderíamos citar a disponibilidade do acesso de obras variadas para as diferentes faixas escolares e de como aplicativos de leitura-serviço auxiliam no processo mediado de alfabetização e/ou incentivo à leitura (SANTOS; BOTTENTUIT JUNIOR; FURTADO, 2017).

Contudo, devemos considerar que a ubiquação ou intermitência na educação tem severos impactos no ambiente de formação, seja de crianças, adolescentes ou adultos. Conforme Santaella (2013), a forma de aprendizagem ubíqua não pode ser confundida com as metodologias de *e-learning*, que utiliza ambientes virtuais, ou de *m-learning*, que faz uso da aprendizagem móvel, pois não há necessariamente um elemento de educação formal, mas apenas aprendizagem. Resumindo, o foco das formas de executar a educação mediada por tecnologia ainda se restringem a metodologias e ferramentas cujo alvo é o processo de aprendizagem sistemática, como uma forma de extensão da sala de aula física. Diferentemente, a aprendizagem ubíqua se conduz de forma assistemática, fragmentada e não formal, diferente da educação formal, que se baseia nos ditames da relação ensino-aprendizagem, pois provê toda forma de dúvida sobre qualquer assunto, em qualquer momento e lugar, que parece prescindir dos elementos da educação formal.

A pergunta principal é: como complementar os tipos de leitores e ensino sem necessariamente substituí-los? Para Balestrini (2010), a saída talvez seja poder transitar entre as tecnologias digitais e/ou móveis, entre palavras e imagens, livros, sentimentos e reflexões, racionalidade e intuição, buscando integrar a crítica e propostas inovadoras e que tenham bons resultados. Os adventos mais recentes dos dispositivos digitais móveis, como inúmeros aplicativos para aplicação de cursos livres e variados, deixam claro que o fenômeno da autoformação está aí para ficar, ao menos por um tempo.

Em uma realidade na qual, virtualmente, qualquer pessoa pode criar um aplicativo e disseminar informações duvidosas, falsas e/ou sem lastro algum na realidade, cria-se um perigo iminente que está aí. Quem vistoria os conteúdos disponibilizados em um curso de idioma ou de história alternativa lançado na internet? Qual comitê de especialistas renomados em sua área analisa os conteúdos e chancela a veracidade do que está sendo ali veiculado? De acordo com Warschauer (2006), sem a formação da educação

formal, fica difícil até avaliar se o resultado de uma busca na internet é verdadeiro, assim como seu grau de confiabilidade, a autoria e aceitação geral dessa fonte.

Como atual episódio de isolamento social no mundo todo, por conta da COVID-19 (*Corona Virus Disease* ou Doença do Coronavírus), muito se pensa sobre o papel do educador, do espaço físico e das tarefas próprias dos educadores nesse contexto todo. O que não faltam são informações, que, como se percebe, sem o mínimo de orientação e sistematização de um professor, mesmo que na figura de mediador, consiga concatená-las e torná-las conhecimento minimamente verificado. Como afirma Santaella (2013), o universo dispersivo e assistemático das redes oferece muita informação, porém, sem orientação de alguém, os resultados podem ser negativos, especialmente para educandos imaturos. Se pensamos no processo de ensino-aprendizagem da educação de crianças, que se fundamenta basicamente nas trocas, interações e convivência com outras crianças, percebe-se como há aí um gargalo até o momento insuperável e que deve ser questionado. Que tipo de criança está sendo formada sem interações, sem exercícios de empatia e que ajudam na formação da identidade e subjetividade ética e tolerante?

Na próxima seção, abordaremos alguns aspectos da leitura e da educação ubíqua com relação ao que convencionalmente chamamos de leitura reflexiva. O objetivo é abordar como a leitura fragmentada e assistemática pode ser uma debilidade no sentido de que se torna campo aberto para disseminação de fake news e de descrença/negação científica, que tem impactos reais e práticos nas ações sociais e na vida de cada um de nós.

CONTRAPONTO DA LEITURA CONTEMPORÂNEA E AS EXIGÊNCIAS DA LEITURA E DA AÇÃO REFLEXIVAS

Na seção anterior, buscamos analisar alguns elementos, mesmo que básicos, acerca da linguagem e de uma pequena categorização dos tipos de leitura, enfatizando como o último e mais recente deles, a saber, a leitura ubíqua, proporcionada pelo advento e difusão das redes e dos dispositivos móveis, pode ser prejudicial se for tomada como substitutiva de outros modos de leitura de textos e de mundo mais demorados, sistemáticos e reflexivos. Expomos alguns riscos dos impactos negativos desse processo de substituição da leitura ubíqua quando esta adentra a esfera do ensino, em que, infelizmente, acaba contribuindo para um empobrecimento na educação, em que resta tão somente uma aprendizagem, desprovida de muita criticidade, trocas epistemológicas e emocionais com a figura do outro etc. Na presente seção, o objetivo é elaborar um pouco a tessitura entre a leitura e a ação, de modo que exploraremos nossa hipótese, que aponta para a necessidade de uma retomada do modo de leitura contemplativo ou reflexivo, que poderia ajudar a impedir algumas consequências causadas pela leitura desatenta, intermitente e celular.

A propósito da leitura, podemos afirmar que não lemos apenas textos, mas também imagens, vídeos, músicas, a natureza, outros seres humanos, o mundo que nos acerca. De acordo com Gadamer (1999), por exemplo, cada leitura é um encontro com determinado modo de ver e ser-no-mundo, cujo objetivo é culminar em uma espécie de fusão de horizontes, isto é, um modo de enxergar o mundo de um modo diferente a partir do que foi aprendido a partir do encontro hermenêutico. Assim, há uma espécie de diálogo em toda e qualquer leitura, e cada nova retomada dialógica tem um impacto de sintetizar um modo de compreensão do mundo um pouco mais complexo e completo, permitindo que, com o devido tempo do ruminar reflexivo, seja possível rever conceitos e se readequar existencialmente no mundo.

Entretanto, nos últimos dez anos, como já referido anteriormente, houve um aumento exponencial no modo como os meios de comunicação se difundiram, especialmente a partir da utilização indiscriminada de celulares com acesso à internet, e, junto a isso, um aumento da produção de conteúdos e do número de receptores destes. Contudo, diferentemente dos meios de comunicação de massa usados anteriormente, notoriamente o jornal, o rádio e a televisão, nesse novo meio, em muitas ocasiões o produtor de conteúdos não tem formação na área de atuação, tampouco compromisso em apresentar dados concisos e

reais sobre o que fala. Em sua totalidade, tais criadores de conteúdo são sustentados pelo mundo do capital, cuja base, sobretudo no mundo dos youtubers (criadores de conteúdo do YouTube), impera o entretenimento, e não necessariamente a divulgação científica ou de conhecimento confiável. Basta produzir uma narrativa que agrade determinado público, como uma espécie de espetáculo, que o conteúdo perde validade em relação à sua forma de apresentação.

A discussão sobre o impacto dos estímulos, em decorrência de uma vida coberta por dados, é objeto de análise, antes mesmo de vivenciarmos o aglutinamento do indivíduo por parte da produção massiva de informações. Simmel (2005), em 1903, publica o texto *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*. Diferentemente de toda corrente sociológica que vigorava naquele momento, Simmel olha justamente para a vida mental das pessoas que começam a viver nas metrópoles. No texto, o autor debate a diferença de estímulos entre uma vida no campo e na cidade, principalmente no contraste entre as relações sociais estabelecidas pelo vínculo sentimental (campo), e uma vida estabelecida em vínculos tecnossociais (metrópole). Poderíamos, a partir disso, olhar para as novas configurações desses estímulos. Simmel olha propriamente para a monetização das relações sociais e, por consequência, a perda da autonomia individual.

Hoje, em certa medida, os estímulos da metrópole se globalizaram. Outros desdobramentos desses impulsos estão vinculados à quantidade de informações as quais somos submetidos diariamente. Latour (2012, p. 19) assume a complexidade dessas sociedades e a difícil tarefa de compreensão e interpretação destas, pois agora “o social parece diluído por toda parte e por nenhuma em particular”. Essa enxurrada de informações, somada a transformações sociais, faz com que as categorias explicativas, as quais utilizamos ao longo do tempo para compreender o mundo, a exemplo do que fez Simmel, não sejam suficientes. Para isso, Latour sugere que olhemos para as associações, ou seja, aquilo que faz com que nos aproximemos ou afastemos, dentro de uma série de desdobramentos. Em última análise, o autor prepara o terreno para propor a teoria do ator-rede, pois essa seria a forma mais efetiva de dar conta de toda a complexidade dos eventos em que estamos inseridos.

Para situarmo-nos em uma linha temporal na Filosofia, podemos pensar no momento em que Derrida (2002) promoveu uma crítica sobre a estrutura metafísica tradicional ocidental, sob inspiração nietzschiana e, sabidamente, do conceito de *Destruktion* de Heidegger (2012). Ao fazer isso acaba criando um tipo de relativização do absoluto, das verdades e dos valores absolutos, porém, indiretamente, deram munção aos fenômenos mais recentes, especialmente do que se caracteriza como pós-verdade. Embora a verdade se oponha historicamente à mentira e à ilusão, a pós-verdade retira qualquer tipo de correlação do discurso em relação à realidade, mesmo que tenha que produzir algo totalmente irreal, fictício e falso.

Aqui vemos que, apesar de a crítica ser fundamental para o desenvolvimento das Ciências Humanas, em especial a Filosofia e a Sociologia, pois evita estruturas dogmáticas, quando ela é exacerbada e dirigida a qualquer afirmação, pode abrir brechas para um relativismo perigoso. Toda forma de discurso pós-verídico pode ter efeitos nefastos na história, na política, na economia e, principalmente, no caráter formativo da educação, pois expressa o real conforme sua necessidade. O que podemos dizer disso em relação à nossa atualidade, em que narrativas sociopolíticas e notícias falsas são permeadas diariamente de dados falsos e versões alternativas da história e da realidade contemporânea? Aqui mora o perigo de uma leitura ubíqua que forma indivíduos incapazes de exercer sua razão autônoma para questionarem-se acerca dos discursos, sem tempo de refletirem sobre o que consomem.

A leitura ubíqua, nesse sentido, obedece a ordem dos tempos em que se insere. Se de um lado podemos compreender tais tempos a partir de uma perspectiva contemplativa, ou seja, de um imaginário coletivo produzido nas preocupações com o cotidiano, puramente estético e banal (MAFFESOLI, 1995); de outro, temos o declínio dos projetos que nos foram prometidos pela modernidade (LATOURE, 2013). Essa mistura de possibilidades e, por consequência, a banalização e o

desinteresse sobre questões elementares para a reflexividade da vida humana se traduzem nas páginas de jornais, por exemplo. O mesmo jornal que poderia despertar nosso interesse para acontecimentos políticos, as mais diversas descobertas científicas e tecnológicas, para as desagregações dos povos a partir a América Latina até a Ásia e o Oriente Médio, é o jornal que prolifera teorias conspiratórias. Um exemplo disso, é a própria Covid-19, usada na seção anterior, que vem sendo questionada por alguns segmentos societários, fomentando controvérsias científicas sobre fatos que nem sequer existem, como, por exemplo, o caso das mudanças climáticas.

Há um exemplo semelhante ao que demos no parágrafo anterior na abertura do ensaio usado de Latour (2013), *Jamais Fomos Modernos*. Na ocasião, o autor tentou mostrar como funciona a proliferação dos híbridos. Se na modernidade propomos as separações metacognitivas, tais como natureza x cultura e/ou política x ciência, o mundo contemporâneo nos permite a observação e análise de dimensões em que essas categorias se misturam. Essa dificuldade de separar tais formas explicativas pode nos sinalizar um caminho para compreensão sobre o impacto da leitura ubíqua, na qual, além da fragmentação e do tratamento raso das informações, temos a característica da retórica, ou seja, do processo de identificação gerado sobre e a partir do leitor. Logo, mais preocupado do que a informação propriamente dita, se preocupa em manter seus vínculos com o emissor/divulgador de determinada explicação.

De posse dessa discussão, podemos retomar o debate acerca da leitura e tratar da relação desta com a ação. Se uma leitura reflexiva leva a uma ação possivelmente reflexiva, uma leitura dogmática, fugidia e assistemática tende a levar a uma ação impensada e autômata. É por isso que, aqui, nosso foco é trazer à baila o desdobramento que o tipo de leitura rápida, com focos múltiplos e rápidos, pode trazer às ações nela fundamentadas. Cabe comentar acerca da disseminação das fake news, que, em grande parte, se origina e propaga da falta de leitura e na leitura intermitente, ubíqua e superficial.

Se pensarmos que todo conteúdo necessita de tempo para ser assimilado, podemos concordar que toda leitura rasa leva a uma compreensão pobre sobre determinado tema. Em relação às ações, que se baseiam, em parte, nas aprendizagens oriundas da leitura, não é difícil perceber que a recepção desfocada, sem o mínimo de rigor e debate entre pares, tende a compor comportamentos individuais e sociais pouco críticos, visto que se fundamentam em um material pouco ou não refletido.

Segundo Marchi (2012), por exemplo, a difusão de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, fez com que especialmente a população jovem passasse a se informar por meio delas, confiando plenamente em notícias já opinadas em detrimento de textos mais objetivos, justamente porque aquelas são mais facilmente e rapidamente entendidas, pois já vêm mastigadas. Outra pesquisa, realizada por Lazer et al. (2018), aponta que as notícias falsas se espalham muito mais rapidamente que as verdadeiras, por conta da dinâmica e da temática nelas encerradas, e, por conta dos robôs, que compartilham e impulsionam determinada notícia com base em pagamentos — dando um ar de veracidade, uma vez que as notícias mais vistas são as mais compartilhadas e normalmente tidas como verdadeiras justamente por sua eficiente dispersão —, torna-se algo praticamente incontrolável. Para Horne e Adali (2017), boa parte do sucesso no compartilhamento das narrativas falsas se justifica pelo modo como o título é construído e pelo fato de ser destinado a uma população de leitores ubíquos contemporâneos, que normalmente não passam da leitura de 100 caracteres para se informarem e disseminarem tal informação, tomada como verdadeira mesmo sem conferência alguma da fonte, da possível veracidade.

Uma das piores consequências da leitura ubíqua e rasa é o desserviço na difusão de notícias falsas e do conteúdo que normalmente as acompanha, a saber, aspectos da descrença científica, discursos pós-verídicos e opiniões que se comparam a argumentos. Um dos aspectos básicos que diferencia a mera opinião de um argumento é que o primeiro não necessita embasamento teórico, aprovação por pares reconhecidos, boas razões para levar alguém a acreditar em determinada asserção, enquanto que o segundo necessita de

todas essas etapas, além de muita discussão. A propósito, vale ressaltar que o meio, *par excellence*, pelo qual a pesquisa se faz é por meio do levantamento de hipóteses e a busca por sua comprovação ou refutação, por meio da publicação dos resultados que, por sua vez, podem ser contestados e/ou referendados. No que tange às ciências humanas, meio no qual se inserem Filosofia e Sociologia, as discussões presenciais ou virtuais são extremamente necessárias para que teses e antíteses sejam postas à prova por seus pares. E isso, como bem se sabe, requer muita leitura, pesquisa, argumentação, reconhecimento de fatos e exposição de conceitos por meio de textos refletidos e que alimentam novas reflexões.

Retomando a discussão na qual relacionamos leituras superficiais a ações igualmente irrefletidas, podemos citar a ligação da população permeada pelas redes sociais e pela leitura proveniente desse meio a comportamentos e atitudes intolerantes. Especialmente pelo fato de as redes sociais funcionarem como uma espécie de capa do anonimato, há grande disseminação de discursos de ódio que, conseqüentemente, levam a atitudes igualmente violentas e que negam a possibilidade de outros modos de existir no mundo.

De acordo com a pesquisa realizada por Silva, Lima e Oliveira (2017), há uma efervescência de discursos intolerantes disseminados diariamente nos ambientes digitais das redes sociais digitais que extrapolam do virtual ao real, causando perseguições, atos de violência e de mortes. Uma geração de leitores intermitentes e superficiais, como a da grande parcela dos jovens abertos ao mundo digital que, como vimos, se informa por meio de vídeos e *tweets* de seus geradores de conteúdo preferidos em detrimento de jornais sérios e artigos científicos, tende a ser facilmente ludibriada e agir de forma acrítica.

A educação, por sua vez, nos faz questionar sobre o que pensar das ações da população especialmente jovem, informada em grande medida pelas redes sociais da internet que não apresenta critérios e lastro para o que distribui? Há uma possível relação entre a onda de educação mediada pela tecnologia e o embotamento destes. Como expresso na seção anterior, há certa aprendizagem na busca da autonomia formativa mediada pela tecnologia, mas pouca ou nenhuma educação, especialmente no que tange à formação moral de cada um, que exige o convívio com a diferença social, econômica, política e existencial. Uma vez que a empatia é apreendida e exercida presencialmente, onde fica o espaço para que haja conflitos de realidade, reconhecimento dos diferentes modos de vida?

Pensar sobre o papel da educação nesse cenário é recolocar o pensamento reflexivo no horizonte das possibilidades que buscamos para transgredir um fenômeno imposto pelas atuais formas de comunicação digital. Ao considerarmos a educação enquanto protagonista, consideramos que o conhecimento produzido pelas ciências, de uma maneira geral, deve voltar a dar sentido e significado a formas de explicar o que está à nossa volta. Aqui, podemos considerar, por exemplo, a dificuldade que as ciências vêm enfrentando para, ao menos, serem protagonistas na proposição de políticas públicas. Essa descrença ou desconfiança para com o conhecimento científico se inscreve nos desafios que já elencamos, em tempos de pós-verdade. Nesse sentido, Jasanoff (2019) propõe que pensemos na produção de tecnologias da humildade, para conseguir transpor os desafios às barreiras estabelecidas pela própria ciência ao longo da história.

Assim, deveríamos trabalhar no sentido de popularizar e compreender a origem e a produção das tecnologias que ajudam a propagar informações, desde sua construção normativa, até o estabelecimento das mesmas enquanto leis de Estado. O caminho dado por Jasanoff (2019) passa pela construção de ambiente favorável para participação coletiva, na qual os cidadãos são estimulados a contribuir com seus conhecimentos. Na prática, esse espaço funcionaria para além dos muros da universidade, como mais um local de validação e avaliação do próprio conhecimento científico. Sendo assim, as seriam formalizadas por meio de “métodos, ou melhor ainda, hábitos institucionalizados de pensamento, que tentam lidar com as margens desgastadas da compreensão humana — o desconhecido, o incerto, o ambíguo e o incontrolável” (JASANOFF, 2019, p. 569).

Esses são fatores que contribuem para que a ciência volte a ocupar um papel “coadjuvante” em tempos de pós-verdade, em que a leitura ubíqua é prática recorrente: dificuldade de incluir os conhecimentos marginalizados; amparar as dúvidas que, em um primeiro momento, pareçam absurdas para a comunidade acadêmica; ao passo que não pode — e não achamos que deve — dar respostas simples para eventos extremamente complexos. Tal postura sugere que os indivíduos, que não se sintam incluídos dentro da construção de explicações, por meio da ciência, busquem outras formas de justificar suas práticas no mundo. Em certa medida, as plataformas digitais possibilitaram uma aproximação mais efetiva dessas pessoas, que compartilham conhecimentos que são marginalizados pela academia. A partir desse diagnóstico, o que se coloca enquanto desafio para o conhecimento científico é justamente sua adequação a determinadas formas de comunicação.

É nesse sentido que acreditamos que a retomada da leitura contemplativa, reflexiva e demorada é fator determinante para uma maior aproximação de crianças, jovens e adultos com um tipo de processo de ensino-aprendizagem que não tolera o intolerante, não se espelha na violência e não despreza as diferenças. Isso não significa se abster das mídias digitais, das facilidades dos adventos tecnológicos ou da rapidez informativa e de entretenimento proporcionada pela internet contemporânea. O que enfatizamos, aqui, é a necessidade de equacionar um modelo educacional e de sociedade que, de alguma forma, implemente critérios da leitura contemplativa/reflexiva também nos meios digitais, o que permitiria que essa população contemporânea pudesse tirar proveito do aspecto positivo do acesso informativo quase irrestrito sob a égide do pensamento crítico, do respeito ao próximo, do ruminar próprio das ciências humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira seção, o objetivo foi analisar alguns elementos, mesmo que básicos, acerca da linguagem e de uma pequena categorização dos tipos de leitura, enfatizando como o último e mais recente deles, a saber, a leitura ubíqua, proporcionada pelo advento e difusão das redes sociais digitais e dos dispositivos móveis, pode ser prejudicial se for tomada como substitutiva de outros modos de leitura de textos e de mundo mais demorados, sistemáticos e reflexivos. Expomos alguns riscos dos impactos negativos desse processo de substituição da leitura ubíqua quando esta adentra a esfera do ensino, em que, infelizmente, acaba contribuindo para um empobrecimento na educação, em que resta tão somente uma aprendizagem, desprovida de muita criticidade, trocas epistemológicas e emocionais com a figura do outro.

Na seção seguinte, o objetivo foi elaborar um pouco a tessitura entre a leitura e ação, de modo que explorando nossa hipótese, que aponta para a necessidade de uma retomada do modo de leitura contemplativo ou reflexivo, no sentido ajudar a impedir algumas limitações causadas pela leitura desatenta, intermitente e celular. Além disso, foi possível avançar com nossa reflexão, valendo-se de conceitos e contribuições das Ciências Humanas, principalmente os que estão vinculados aos campos da Filosofia e Sociologia, corroborando a hipótese ora defendida, de que a maior implementação de leitura reflexiva tende a contribuir para uma visão de mundo mais crítica e questionadora, superando os relativismos e a superficialidade que, normalmente, provém da leitura ubíqua.

Por fim, torna-se importante destacar que, ao longo do texto, reforçamos a importância de tratar da leitura e da forma como compreendemos o mundo em tempos de pós-verdade. Assim, é fundamental olhar para as formas de [re]produção das informações, bem como colocar a educação e as ciências como protagonistas para essa possível retomada. Retomando um exemplo utilizado ao longo do artigo, sublinhamos que a COVID-19 nos possibilita mais um momento de reflexão sobre nossas práticas enquanto sociedade. As situações em que estamos sendo colocados por conta da pandemia vêm mostrando, dentre outras coisas, que o tipo de ensino proporcionado para crianças, por exemplo, é inadequado, visto que, por conta das medidas de isolamento social, passaram a fazer atividades mediadas por tecnologia que não fazem sentido a uma faixa etária que carece de convívio social para a formação cognitiva e existencial. Isso mostra como as instituições escolares

vêm falhando e, inevitavelmente, desconsiderando aquilo que já se sabe por meio das ciências e devem repensar suas próprias metodologias com base no que o momento histórico pede, reconhecendo méritos e deficiências dos sistemas atuais e do que nos legou a tradição.

REFERÊNCIAS

- BALESTRINI, Mara. El traspaso de la tiza al celular: Celumetrajés en el Proyecto Facebook para pensar con imágenes y narrativas transmedia. In: PISCITELLI et al. (Org.). El proyecto Facebook y la Posuniversidad. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Buenos Aires: Ariel/Fundación Telefónica, 2010. p.35-46.
- CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). A sociedade em rede: do conhecimento à ação política. Lisboa: INCM, 2005.
- DERRIDA, Jacques. A Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento das prisões. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FURTADO, Cassia Cordeiro. Geração alpha e a leitura literária: os aplicativos de literatura-serviços incentivam a prática? Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 15(esp.), p.418-431, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/J4N9i>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. São Paulo; Petrópolis: Editora Unicamp; Vozes, 2012.
- HORNE, Benjamin D.; ADALI, Sibel. This Just In: Fake News Packs a Lot in Title, Uses Simpler, Repetitive Content in Text Body, More Similar to Satire than Real News. International AAAI Conference on Web and Social Media, p.759-766, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/d8i6L>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- JASANOFF, Sheila. Tecnologias da Humildade: participação cidadã na governança da ciência. Revista Estado e Sociedade, 34(2), p.565-589, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/oJ8KF>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Salvador: Edufba, 2012.
- LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LAZER, David M.J. et al. The science of fake news. Science, 359(6380), p.1094-1096, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/0zIMF>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Oficinas, 1995.
- MARCHI, Regina. With Facebook, Blogs, and Fake News, Teens Reject Journalistic “Objectivity”. Journal of Communication Inquiry, 36(3), p.246-262, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/9Zchm>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- PIERRO, Bruno de. O mundo mediado por algoritmos. Revista Pesquisa Fapesp, n. 266, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/SUnuy>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- SANTAELLA, Lucia. Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. Revista Ensino Superior, 2013. Disponível em: <https://bityli.com/flwYl>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- SANTOS, Daniella Carvalho dos; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; FURTADO, Cassia Cordeiro. Book apps de literatura infantil e novas experiências literárias: Uma revisão sistemática de literatura. Teias, 18(51), p.261-275, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/IR1og>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- SILVA, Daniel Thiago Freire da; LIMA, Izabel França de; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Informação, tecnologia e intolerância: Homofobia em tempos de redes sociais. In: BORGES, Maria Manuel; CASADO, Elias Sanz (Orgs.). A Ciência Aberta o contributo da Ciência da Informação. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. p.1641-1646.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Mana, 11(2), p.577-591, 2005. Disponível em: <https://bityli.com/6sNik>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- WARSCHAUER, Mark. Tecnologia e inclusão social: A exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.

Artigo recebido em: 20 Abr. 2020. | Artigo aprovado em: 10 Jun. 2020.

[i] Pós-doutorando em Filosofia pelos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisador visitante de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional (DCR/CNPq/FAPEPI) na UFPI. Doutor, Mestre e Graduado em Filosofia pela UNISINOS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8876-8211>

E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

[ii] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5528-7470>

E-mail: leonardoleeuven@gmail.com